

O Brasil que o novo Presidente vai herdar

ARMANDO MAMAN

SÃO PAULO — A herança econômica e política que o novo Presidente da República vai administrar, em março do próximo ano, não será exatamente um prêmio após uma árdua campanha eleitoral. Embora a situação econômica do País se altere a cada mês, já é possível dimensionar o tamanho da crise que o futuro Presidente vai herdar e os problemas que vão exigir soluções de curto prazo.

O índice de produção industrial crescente, mas ainda negativo em relação ao ano passado, a descapitalização dos produtores agropecuários, com previsão de queda no volume da próxima safra, a dívida interna superior a NCZ\$ 150 bilhões e a dívida externa de US\$ 114 bilhões são alguns dos problemas da economia registrados pelo IBGE, Banco Central, Confederações da Indústria e do Comércio, Dieese, Estatais, Conselho Nacional do Petróleo, Bolsas de Valores e outras instituições.

Além disso, há também as taxas de juros elevadas, que inviabilizam o crédito para investimentos, o mercado de capitais restrito e especulativo, a queda acentuada no rendimento médio real dos trabalhadores, o faturamento real do comércio nos níveis de 1982, a falência do modelo de crescimento via investimentos do setor público e uma inflação galopante que é mais efeito que causa desse quadro econômico.

A crise econômica, que desde 1980 vem man-

tendo o País em estagnação, instalou-se também no campo das idéias. Existe muito pouco consenso sobre as soluções para a crise brasileira entre os economistas dos governos militares, os inúmeros economistas que passaram pelo Governo Sarney e os muitos outros que jamais freqüentaram o poder mas que podem vir a participar dele após a eleição de novembro. O que garante que o debate econômico continuará aceso após a posse do novo Presidente.